**Universidade de São Paulo**

**Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”**

**Departamento de Economia, Administração e Sociologia**

**LSF0270 – Educação Ambiental**

**Nome:** Bruna Rodrigues de Almeida **– nº USP:** 8578329

**Atividade 2. Utopias interiores e a construção do imaginário: criando vínculos a partir de histórias e do lugar**

Acredito que todos nós, em algum ponto da infância e até mesmo durante a vida adulta (aqui se tivermos a sorte de não nos terem podado todo o potencial criativo) criamos utopias, mesmo que não saibamos colocá-las na compreensão das letras e das sílabas ajustadas, explicáveis a outros ouvidos. Utopizamos desde cedo sem saber. Criamos mundos imaginários a partir do lugar e das referências que recebemos. E mesmo se investigarmos a origem da palavra utopia, iremos nos deparar com a importância do lugar sobre tudo aquilo concebemos: utopia, em grego, é o “*lugar que não existe”.* Mas mesmo o inexistente, creio eu, é possível desenhar um território.

A utopia tida como o ato de recriar e cocriar, reconstruir e construir em conjunto, costuma dialogar com elementos do imaginário construídos ao longo da trajetória de vida do indivíduo. Isso tem se demonstrado de modo particularmente claro em minha vida quando olho para minhas raízes e noto o quanto a tradição de contar e criar histórias em minha família foi um fator decisivo para que nos conectássemos com o nosso meio, criássemos vínculos com ele e nos identificássemos enquanto comunidade. Há origens indígenas em minha família que justificam essa ligação, mas elas foram lentamente se perdendo quando migramos para a cidade e abandonamos nossas práticas de contato e cultivo com a terra, nossa conexão verbal e a capacidade de sonhar, de criar mitos e símbolos. A sociedade ideal para nós era aquela em que tínhamos identidade e referências estáveis e seguras, harmonia na convivência e humildade perante as coisas que não compreendíamos, e não a que projetávamos para fora das nossas fronteiras, como muitos romancistas utópicos projetam pela influência política na qual concebem suas histórias, com anseios de liberdade e justiça social.

Minha geração já recebeu poucos resquícios do quão importante eram a ligação e identificação com a pedagogia do lugar, do ser e do estar em comunidade. Creio que nenhum de meus irmãos, por exemplo, conhece o ciclo de plantio e colheita de alguma cultura agrícola. E eu também talvez não conhecesse se não tivesse me interessado por biologia desde cedo, e trilhasse o trajeto que me conduziu até essa escola.

Ao longo dessa trajetória, entretanto, eu me desiludi com a rígida separação das disciplinas acadêmicas e com o distanciamento da universidade com relação ao potencial criativo de seus estudantes. Sufocamos a memória e os saberes antigos. Sufocamos a ligação do nosso intelecto com o ambiente circundante. Sufocamos a arte do ser e do criar. E isso para mim, que cresceu cercada de histórias e referências da ligação e do cuidado com o lugar, é asfixiante. Até mesmo na ciência, pela qual nutro certa simpatia na geração de conhecimento, possui entraves desestimulantes para a geração do criar e da inovação. Uma inovação que dialogue sobretudo com a sociedade na qual será produzida.

Na nossa sociedade, na qual as metáforas dominantes são a mercadoria e o mercado, nós vemos o conhecimento como algo a ser agarrado, possuído e controlado. Aldous Huxley, quando descreve em *Admirável mundo novo* o doutrinamento de crianças para uma cidadania padronizada, apesar de parecer distópico em uma sociedade projetada para um futuro (nem tão talvez) distante, dialoga com elementos já existentes em seu interior: o distanciamento das relações, a falta do sensibilizar e da sensibilidade, o ensinar que não vem acompanhado do contato com a história do eu. Nesse universo, criar é uma atitude condenável. Mais do que isso, é uma atitude de rebeldia e, muitas vezes, um ato perigoso contra a ordem estabelecida. Muitos textos doutrinantes exortam para ações nesse sentido, em busca de uma sociedade ou modelo de organização que defendem como ideal. O mais próximo de nós e popularizado é a Bíblia. Nela, a busca pelo sentido de pertencimento e do lugar são constantemente referenciados.

Histórias, em meio ao caos e incompreensão de um mundo com tantas conexões mas desconectado, permitem que você crie um mundo, o povoe, e o olhe através de outros olhos. Você sente coisas, visita lugares e mundos que jamais conheceria de outro modo. Aprende que qualquer outra pessoa lá fora também é um. Você está sendo outra pessoa, e quando volta ao seu próprio mundo está ligeiramente transformado. Empatia é uma ferramenta para unir pessoas e grupos, e permite que funcionemos como mais que indivíduos obcecados por nós mesmos. Através delas, podemos refletir sobre nossa conduta e criar novos e indestrutíveis vínculos. Podemos preservar não só palavras e personagens, como culturas e ambientes.

Evidentemente, o poder da empatia gerado por histórias é algo moralmente neutro. Podemos usar esta habilidade tanto para manipular ou controlar, como simplesmente para compreender ou simpatizar. A respeito disso, Lewis Mumford, no livro *Utopia, the city, and the machine*, alerta:

*“A inteligência abstrata, operando com seu próprio aparato conceitual no campo ao qual ela própria se restringiu, é na verdade um instrumento de coerção: um simples fragmento arrogante da personalidade humana, determinada a recriar o mundo nos Recriar o mundo nos seus próprios termos simplificados, rejeitando intencionalmente interesse e valores incompatíveis com as suas próprias crenças e, com isso, privando-se de qualquer uma das funções de cooperação e geração de vida – sentimento, emoção, espirituosidade, exuberância, capacidade de fantasiar – em resumo, as fontes que liberam a criatividade imprevisível e incontrolável.”*

Nossa liberdade e emoções internas estão, pouco a pouco, sendo silenciadas. A criatividade é Perdemos muito ao não nos alinharmos mais nossa existência ao natural, aos ciclos, ao tempo da natureza. Estamos tão apressados na busca de algo não palpável que paramos de admirar a beleza do “não saber”, do apenas admirar. Um apelo que pode ficar aos vivos, diante da finitude da vida, é que nos reconectemos com as melhores motivações dentro de nós para pensarmos o que deixaremos para as gerações futuras: extraímos e exploramos o que podíamos das entranhas da terra para acumular riquezas, mas não trabalhamos em nossa riqueza interior. Precisamos projetá-las para fora em prol da defesa do meio ambiente, da igualdade, do diálogo e da harmonia. E isso parte de uma educação que acontece em tempo integral, em comunidade, com reflexão e contato humano. O mundo inteiro, nesse sentido, é um professor.

Nesse trajeto, minhas utopias e a construção do meu imaginário interior de desejos e sonhos têm sido uma fonte constante de inspiração e renovação. Permitem que eu ganhe força ao me encontrar lutando em difíceis paisagens anteriores, e sobretudo me sustentam para que eu possa continuar lutando no mundo e por ele.